

DON QUIXOTE

ILUSTRADO de Angelo Agostini
Rua do Ouvidor
109

THEATRE
APOLLO

HAMLETS

EMANUEL

A. Agostini

Ir vêr, admirar, e applaudir o grande artista, é o dever de todo cidadão sério, honesto, civilisado e de bom gosto.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 17 DE JUNHO DE 1896.

O MILITARISMO

E' PROPRIO das graves enfermidades a rebeldia ao tratamento e o deixarem após si vestígios funestos do estrago que fizeram no organismo. Isto que é de simples observação nos domínios da pathologia e da clinica, é não menos verdadeiro no que respeita aos males sociais, os quaes, uma vez radicados, custam muitissimo a debellar-se e deixam sempre atrás de si tristes signaes de sua passagem.

A influencia indebita e fatalissima das classes militares na politica é exemplo doloroso do que acima se affirma. Vem de longe a enfermidade, e muito errados andam os procures do partido monarchista, quando nos asseguram todos os dias, que este veneno deletereo é filho da Republica. O militarismo data do regimen imperial, e foi cegueira rematada que os politicos d'aquelle tempo o não vissem, quando ainda infante o monstro era facilmente aniquilavel.

Por erros de educação, que a imprevidencia proverbial dos nossos governos consentiu, e que não vale a pena neste momento apurar, a pouco e pouco se foi infiltrando nas veias do exercito a convicção erronea de que lhe estava reservado na sociedade brasileira outro papel, além do da defeza da ordem, da integridade e da honra nacional.

As questões militares que agitaram o ultimo periodo da monarchia poderiam e deveriam ter sido evitadas ou reprimidas, sem *arranhões na dignidade do governo*. Não o foram. A consequencia tivemos-a. Quem semeia ventos colhe tempestades.

A Republica que deverá ter sido a manifestação da vontade nacional amadurecida pela experiencia, e um corollario da educação do povo naturalmente propenso a aperfeiçoar a forma de governo do seu paiz, foi, todos sabemos, proclamada pela força armada, que precipitou o desfecho em 15 de Novembro de 1889. O consenso da

população fez o resto; a sua descrença profunda na efficacia das velhas instituições desacreditadas por partidos sem ideias e sem verdadeiro patriotismo, fê-lo acceitar sem replica e sem resistencia o facto consumado da revolução militar.

Que se seguiu porém a esta conquista das baionetas na praça publica? O exercito, já imbuido do erro, e agora conscio de sua força, desvanecido com a victoria facil e incruenta, pretendeu e logrou tirar d'ella todas as vantagens que os acontecimentos lhe proporcionaram. Os militares tiveram larga influencia no governo provisório, passando ao desempenho de funções politicas, intervindo em quasi todos os ramos da administração publica, pezando por fim com o seu voto na Constituinte e nas assembleas legislativas que se seguiram.

O governo de 23 de Novembro foi ainda mais fatal para o Brazil n'este particular. A onda cresceu e cresceu por tal forma, que o proprio chefe da nação não duvidou esquecer leis e conveniencias do direito para impôr a sua vontade soberana, descambiando ostensivamente para a dictadura, que nos flagellou.

A revolta de 6 de Setembro foi o grito de protesto dos opprimidos contra esse abuso de força, que ameaçava todos os poderes. Mas a revolta naufragou por falta de harmonia entre seus chefes, por inhabilidade de alguns, pela illusão fatal de outros, por carencia dos recursos imprescindiveis em campanhas d'esta natureza.

O exercito ainda uma vez vencedor, e mais desvanecido do que nunca com o triumpho, porque d'esta feita comprou com seu sangue a victoria, que não foi de todo facil e que esteve a escapar-lhe das mãos,—o exercito julgou-se então o soberano absoluto da nação e na embriaguez d'essa mesma victoria chegou a perder a calma dos fortes. Os attentados commettidos na punição dos prisioneiros, a postergação de todos os principios de direito e de simples humanidade, os proprios assomos de fereza selvatica arvorados em titulos de benemerencia,—que foi tudo isso sinão o delirio do militarismo triumphante?

Restituído o paiz á tranquillidade depois d'essa tormenta pavorosa, cujas recordações ainda sangram, tivemos a fortuna de vêr passar o governo pelos tramites legais ás mãos de um homem educado na lei e nos serenos principios do direito.

Parecia natural que a pouco e pouco, demonstrada a malefica influencia da intervenção da força armada na politica, recusassemos d'esse perigoso desfidaleiro.

Effectivamente o mal não progrediu, e a tendencia geral dos espiritos revela o proposito de restituir a força armada ao seu papel nobilissimo. Mas que difficuldade para conter os animos irrequietos e já eivados da indisciplina! Que reluctancia de alguns em abandonar as posições de mando, a que circumstancias anormalissimas os elevaram!

Rude tarefa a de extirpar um cancro que iniciou a sua obra de destruição. O manifesto do Club Militar ainda ha bem pouco tempo veio provar-nos que a molestia subsiste. Agora mesmo, no inditoso Rio Grande do Sul, que significam as arrogancias intoleraveis do coronel Telles sinão um symptoma da enfermidade latente?

Não ha paiz civilisado do mundo em que se consinta que um official superior do exercito represente as tristes scenas de Bagé, impedindo o exercicio constitucional do direito de reunião, atacando violentamente a liberdade de imprensa, mãe de todas as santas liberdades e base da verdade republicana.

Acabe-se de vez com esse delirio, e honremos a Republica chamando os representantes da força armada ao cumprimento do seu dever.

A nação quer a paz, e a paz é impossivel, desde que a força exorbita das normas constitucionaes e das funções sagradas que o povo lhe confiou.

Correcção Diplomática

Um dos ministros da nossa Republica, e do Exterior, era accusado de não saber seguir bem as praxes diplomaticas, de não ser correcto, de ignorar emfim, o modo cortez e elevado com que os ministros devem tratar os representantes dos paizes estrangeiros em nossa terra. E então, elle prometteu corrigir-se e dar em primeira occasião a prova de que entendia do riscado.

Por isso, logo no dia seguinte, na secretaria do Largo da Gloria, ao entrar no seu gabinete o representante da Inglaterra, elle, muito cheio de si, bateu-las costas do inglez, offereceu-lhe um cigarro Barbacena e com ar protector fallou assim:

— Ora, muito bons dias, mister. Então como vai isso? Diga-me: como passa por lá a nossa rainha Victoria?

(Nota: não foi o Sr. Dr. João Felipe Pereira, actual director dos telegraphos.)

TIL.

NA COPACABANA

A convite do Sr. Heredia de Sá, um dos poucos intendentes que parece interessar-se a favor d'esta infeliz população carioca, fluminense e guanabarina, fomos para a Copacabana onde a nossa vista espraia-se por essas bellas praias, desde a do Leme até a do Arpoador.

Que bello passeio! E como respirava-se bem aquelle ar puro e salitrado do alto mar, cujas ondas brilhantemente illuminadas pelos brandos raios de um sol de Junho, arrojavam-se alegres aos nossos pés, em caprichosas e espumantes cambalhotas!

Coube-me o prazer de estar sentado, n'um elegante carro, ao lado do Sr. Heredia de Sá e do Senador Francisco Machado cuja brilhante e illustradissima prosa captivou-me devéras.

O carro deslisava-se suavemente em pittoresco e arenoso caminho, não deshonrado por indignos e municipaes parallelepipedos. Imaginem que delicia!

Em outros vehiculos, compostos de bonds, meios bonds e quarto de bonds (estes têm só dous bancos) vinham apinhados varios cavalheiros e distinctissimas senhoras, o nosso sympathico chefe de policia, alguns senadores e deputados e um representante da imprensa diaria, o da *Gazeta de Noticias*.

De volta da praia do Leme passámos em frente á casa do Sr. Otto Simon, situada no alto de uma pequena colina. Ahi nos apeámos e, a convite d'este distincto cavalheiro que offereceu-nos o *aperitif*, atravessamos um bello e bem tratado jardim, subimos marmoreas e alvas escadarias e... Qual casa? Isto é um palacio! diziam todos; melhor ainda: Um verdadeiro paraizo!

Esta opinião foi unanime quando chegados á bella varanda que circunda a casa e ao esplendido terraço que a encima, descortinou-se ao nossos olhos deslumbrados o mais bello dos panoramas!

Deixando essa principesca vida, seguimos para a praia do Arpoador, onde um excellente almoço esperava a distincta caravana, cujos estomagos, não menos distinctos, de ha muito davam horas. Era servido n'um elegante e confortavel restaurante intitulado *Villa Ipanema*, que

tem a honra de ter como proprietario um coronel, o coronel Silva, e situado em terrenos do Sr. barão de Ipanema, que achava-se entre nós.

A melhor cordialidade presidio ao melhor dos appettes. Comeu-se, devorou-se! O festim terminou deixando todos confortavelmente convencidos de que o almoço era succulento e que essas bellas praias do Leme, da Copacabana, do Arpoador, do Leblond, etc., são dignas de maior sollicitude por parte da nossa Intendencia, dignamente representada pelo Sr. Heredia de Sá e Honório Gurgel.

Notámos, com o maior prazer que os discursos foram poucos e breves. Este bello exemplo foi dado por um marechal que presidia a mesa, o senador Almeida Barreto e seguido pelo Sr. Heredia de Sá, no seu discurso de agradecimento aos convidados que se achavam presentes.

Outro progresso notavel: Não houve musica, nem foguetes.

Depois do café um passeio digestivo e em acção de graças foi feito até á igrejinha da Copacabana, onde por longo tempo ficámos a admirar a alva espuma das ondas a resvalar sobre os bellos rochedos que rodeiam a modesta capellinha.

Duas palavras agora ao Sr. Heredia de Sá, o iniciador do passeio:

Em primeiro lugar o nosso agradecimento por nos haver offerecido occasião de passar algumas horas agradabilissimas fóra da empestada cidade do Rio de Janeiro.

Muito approvámos a idea de mandar pôr gaz na praia da Copacabana até a Igrejinha.

Já é um melhoramento.

Fazer com que tanto a Companhia do Gaz como a dos bonds possam, mais tarde, tirar proveito das despesas de encanamento e trilhos, procurando os meios de ficar conhecido e habitado esse bello arrabalde, não é menos louvavel.

Para isto não basta traçar ruas e praças, como já está feito, em alguns pontos. Sendo o terreno composto de partes baixas e outras altas, não se pode permittir a edificação sem que elle seja convenientemente nivelado e com a elevação precisa para futuros encanamentos como os do gaz, esgotos e aguas pluvias, tendo necessidade destes ultimos de um certo declive para facil escoamento no mar.

Como podem dizer que se formos esperar que as Obras Publicas mandem preparar esse terreno, não é nes-

tes cincoenta annos que se poderá construir casas, lembramos o seguinte:

Determinar-se, desde já, a altura em que deverão ficar as ruas e praças uma vez aterradas, a qual será de tantos metros acima do nivel do mar. A construcção das casas sendo feita sobre pilastras de tijolos ou pedras na altura indicada, é evidente que mais tarde esses predios se acharão de nivel com as ruas.

A não ser assim e ficando as aguas da chuva estagnadas, ninguem poderá garantir a salubridade desse bello e pittoresco bairro que para ser habitado precisa ser habitavel.

E' o que desejamos.

X.

UM DUELLO

Mas que susto!
Tive medo! Fiquei amarello!
Imaginem: um grande duello!!!
Um duello
Que com custo,
Com um custo, terrivel, damnado,
E' que foi afinal evitado
E depois de estar mais que sellado!

X

Por um lado
Imaginem que eram uns vinte...
De outro lado só um se mostrava.
E se a cousa por mais se azedava,
Por acinte...
Por acinte vêm trinta ou quarenta,
E a metade de um se apresenta
Pelo outro, que quasi arrebenta!

X

Offendidos diziam que nada,
Nada tinham com essa pessoa,
A quem era a missão enviada
Pois que ella é mui séria e mui boa...
Offensor—tambem era de accôrdo
Em dizer que a colonia operosa,
Muito amiga, valente, radiosa
Respeitava...

X

E vem um homem gordo,
De finura vivaz, temerosa;
N'um momento
N'um só passe de bom argumento
Deslindou todo o caso intrincado,
Resolvendo que não se podia...
— Nem devia
O duello ser realizado!

X

Assim pois,
Uma acta... mais uma ficou
Assignada por dois e mais dois!
— O duello? Já sabem: gorado...

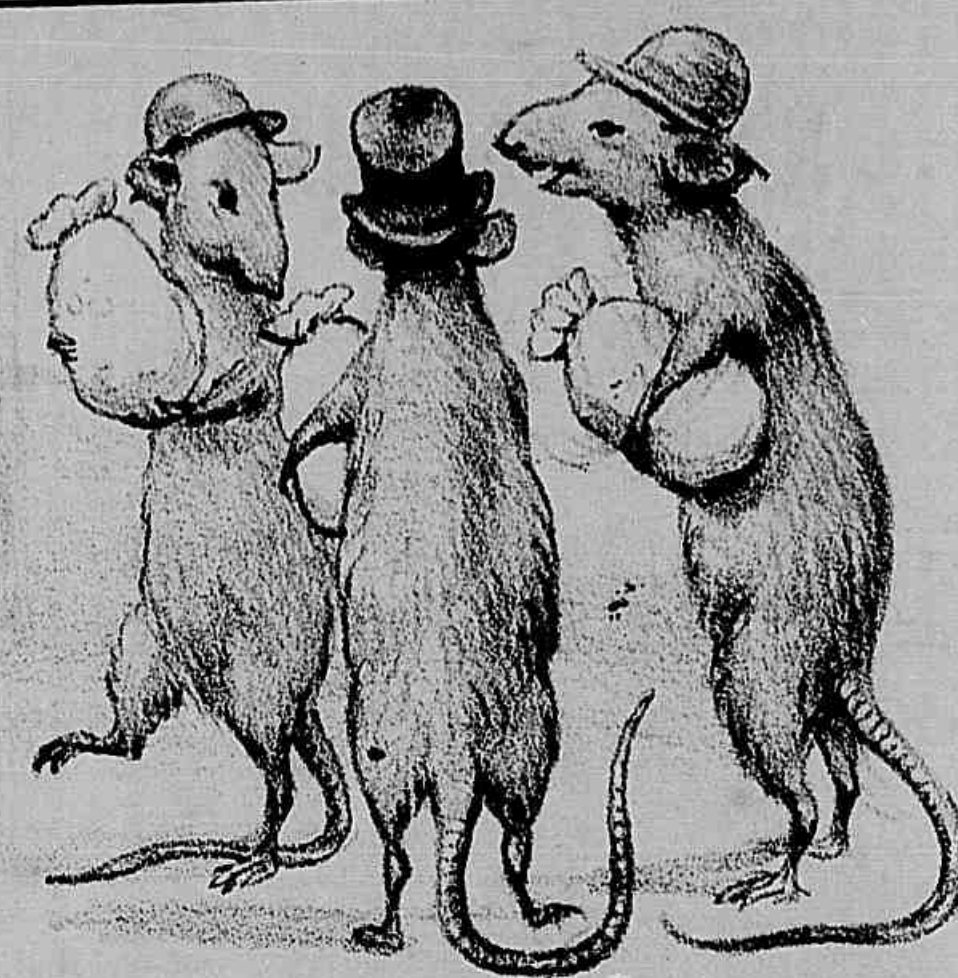
X

E' que A. M., M. N. matou,
Sem temor, sem piedade nem pena...
E' que ha cousas que um homem pensou
De passarem por caso julgado,
Sem cuidar em medir o que diz,
E depois escorrega c'o a penna,
E depois... «O' meu Deus!! O' que fiz?!»

F. MENDES.



Em Março do corrente anno D. Quixote mostrou como as ratazanas da Alfandega forneciam-se do que ha de melhor, para gozarem vida boa, milagrosa e barata, á custa do Commercio de Importação.



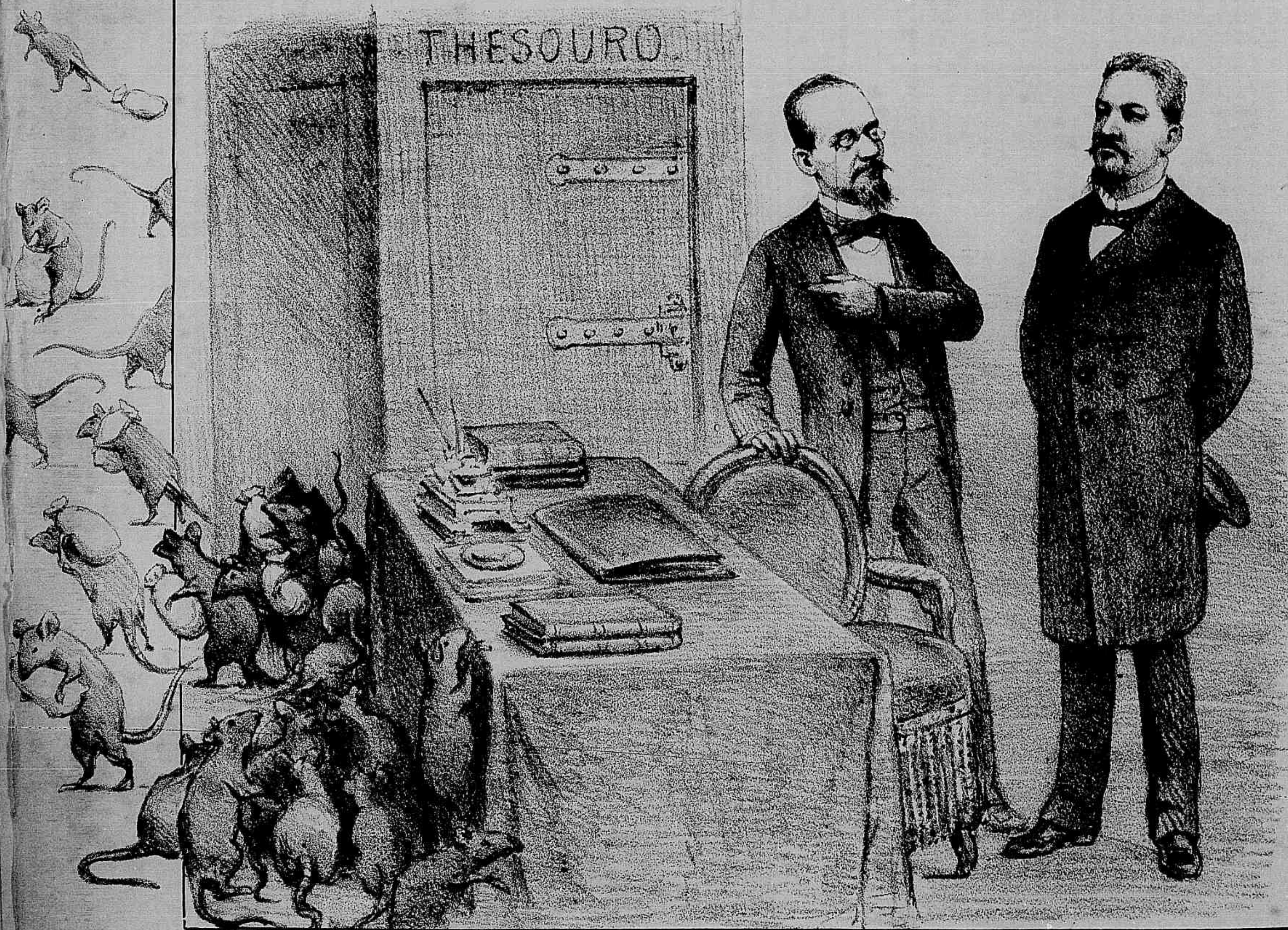
Só faltava o cobre, o bello cobre! As ultimas descobertas feitas na Alfandega, tornaram publico e notorio que hoje nem isso falta. Felizes ratazanas!



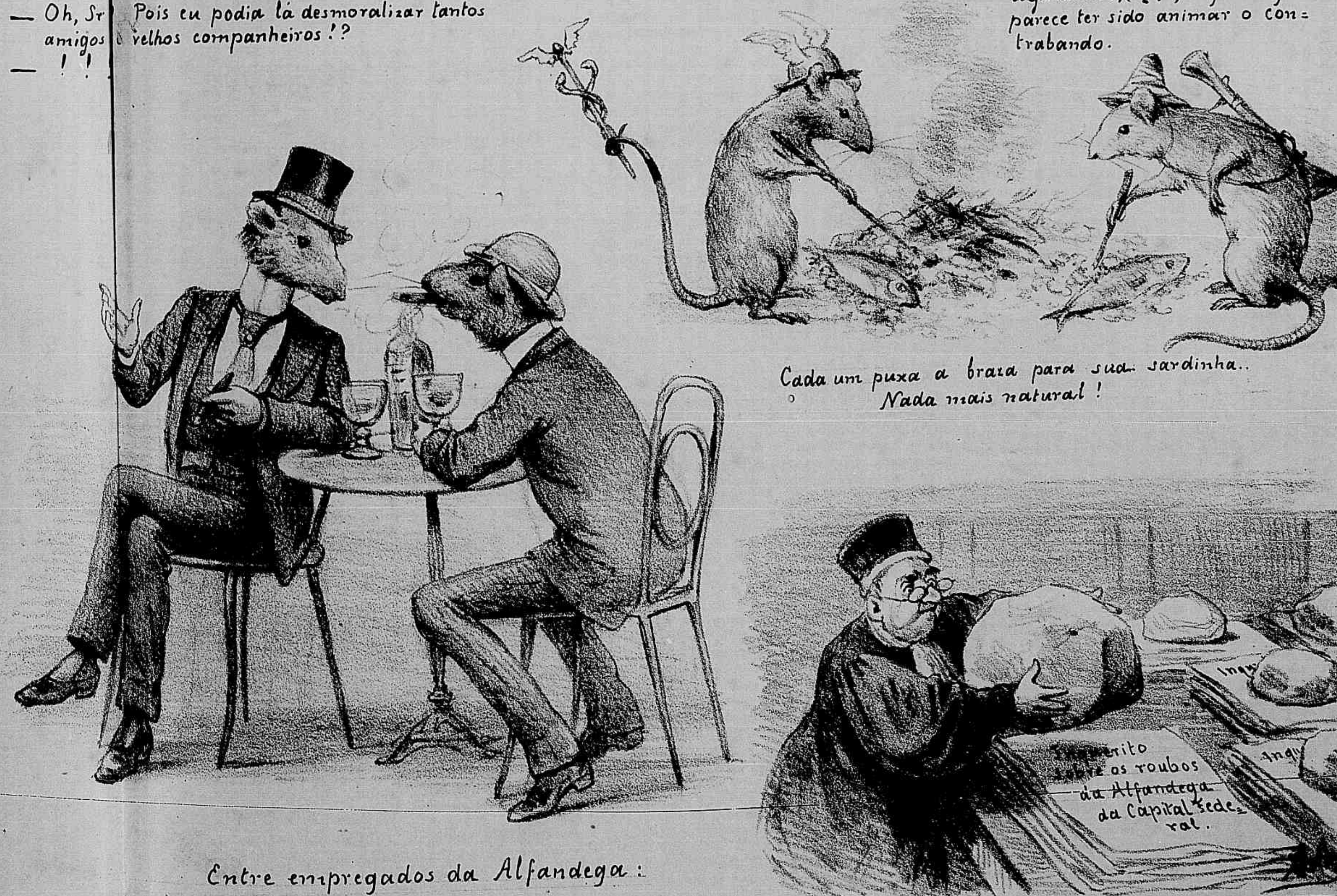
— O Sr. Inspector Baptista Franco deveria, pelo menos, ter dado um costume *ad hoc* a esses seus honestos empregados.
— Oh, Sr. Pois eu podia lá desmoralizar tantos amigos e velhos companheiros!?
— !!!



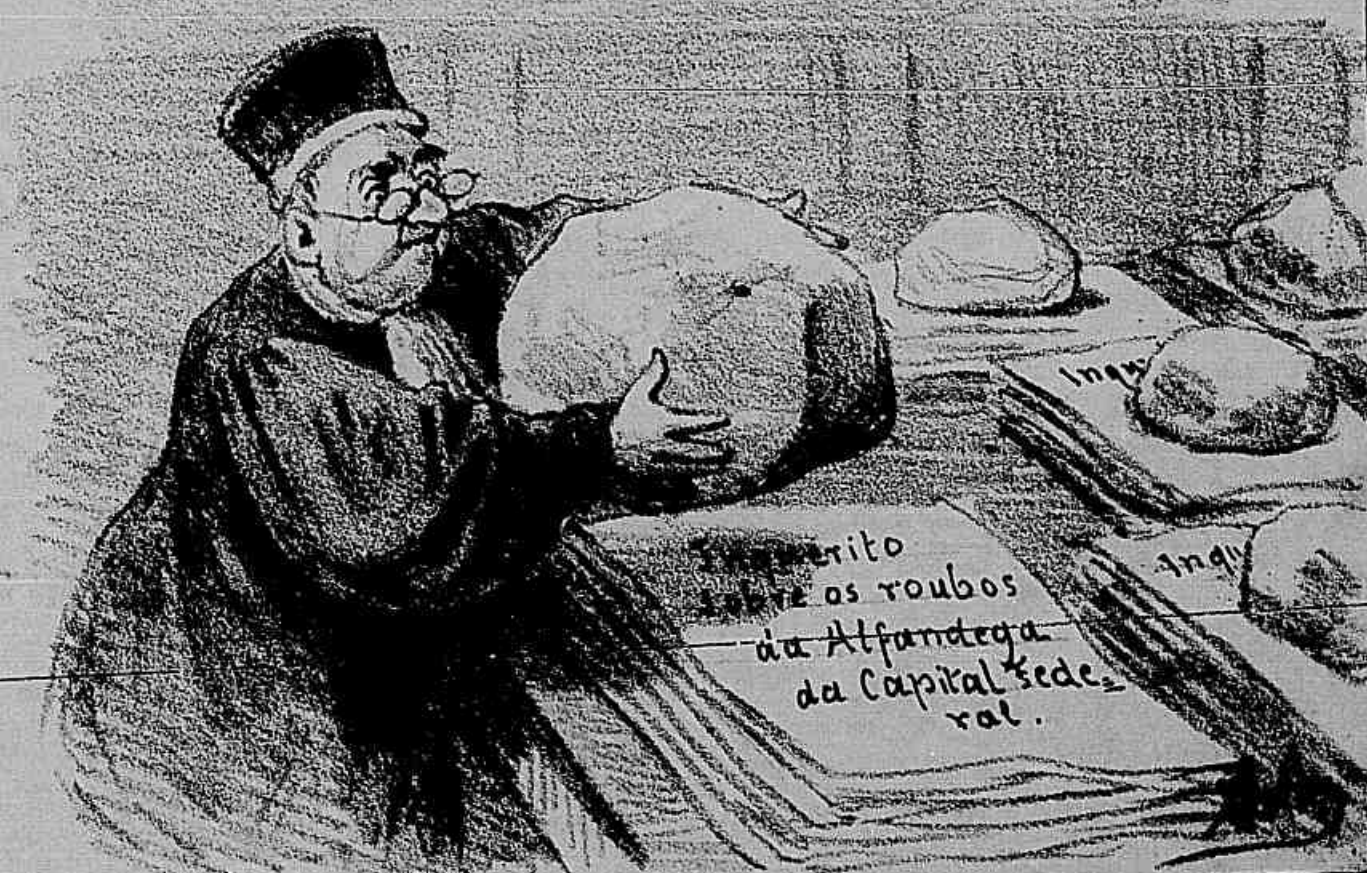
A principal culpada é a actual tarifa, criação das nossas altas capacidades legislativas, cujo desejo parece ter sido animar o contrabando.



Ministro R. Alves. — Sim Sr. Sen. Chico, melhor plano economico de que o seu, é uma estriccia economia. Desse cofre não sahirá nem um real, que não seja convenientemente applicado.



Cada um puxa a brasa para sua sardinha. Nada mais natural!



Entre empregados da Alfandega:

— Consta que já se abriu um inquerito...
— Isso não vale nada. Ha muita gente boa mettida na historia...
— E contrarios com os juizes.
— De certo. Pois nós, que vestimo-nos á custa da importação, podiamos lá de elegancia, sem vintem na algibeira? Com franqueza?
— Sem duvida! E não haverá nenhum juiz que não reconheça isso!

— Mais uma, uff! Este Rio de Janeiro tambem tem tantas pedreiras...

COMISSÃO DE SANEAMENTO

O D. QUIXOTE fiel aos seus princípios de só dizer o que pensa e o que sabe, não enuncia nem adianta nenhuma asserção que não possa exuberantemente demonstrar e provar.

Neste ponto muito se parece com S. Thomé, apesar de não ter nenhum parentesco com esse veneravel e desconfiado santo, que queria ver para crer e apalpar para se convencer.

Isto dito, passamos ao assumpto:

Com todo o interesse acompanhamos os trabalhos da comissão Werneckiana do saneamento, cujas luminosas discussões sobre hygiene são dignas da maior sollicitude.

Deparando com um «*deixa muito a desejar*» consignado na acta dos trabalhos da dita comissão, referente á visita que esta fez á casa das machinas da «City Improvements», iniciámos as nossas pesquisas com um passeio á praia dos Lazaros.

Munidos de um frasquinho de sal amniótico, por causa do *deixa muito a desejar* e de uma coragem que S. Thomé nunca teve, — não consta ter elle mettido o nariz em cousa alguma e muito menos na tal... cousa — penetrámos no recinto da «City Improvements» e percorremos toda a casa das machinas sem que o cheiro das materias, alli recebidas para serem desinfectadas causassem o menor incommodo ao nosso olphato.

Satisfeitos de ver que as «*cousas realmente não são tão pretas como as pintam*», assim disse O Paiz, retiramo-nos satisfeitos de ter visto uma obra que tratando de obra deixa esta convenientemente decantada e desinfectada, a ponto de não termos precisado sequer, levar o lenço ao nariz.

Onde corremos sério risco de ficar asphyxiados foi ao passar em frente do quartel de cavallaria, situado não longe da «City Improvements».

A uns trinta metros mais ou menos de distancia desse quartel vê-se uma praia imunda, uma Sapucaia-mirim coberta de imundicies, de colchões putridos, materias feaes, detritos e esterco do quartel, despejados ás toneladas diariamente com outras materias odorantes e altamente higienicas.

Essa praia infecta não mereceu o menor reparo da sabia comissão, intitulada de saneamento, que passou por ella como gato por brazas!

O que esta comissão realmente tem feito é discutir theorias sobre hygiene, com o fim de mostrar altos conhecimentos theoricos sobre a materia. Mas a materia de que se trata não é theorica, é positiva, muito positiva até! E' preciso que a comissão metta o nariz nella para melhor conhecimento do assumpto, e bom desempenho da importante tarefa que assumio do saneamento desta infeliz e empestada cidade.

Se a força *hydraulica* do Dr. Paulo Frontin, os *oculos* do Dr. João Felipe, a erudição espaventosa do Dr. Rocha Faria, o dom oratorio do Dr. Manoel Victorino, a intelligencia do Dr. Nuno de Andrade e o auxilio *inexplicavel* do Dr. Del Vechio, não são sufficientes para avaliar o alcance hygienico que ha em supprimir-se a origem de tanto deleixo, incuria e crueldade para com os proprios soldados aquartellados alli e mais habitantes dos arredores, pedimos venia para declarar, com a maxima verdade e franqueza, que é o modo de proceder da comissão nas suas pesquisas que... *deixa muito a desejar*.

A BRUXA

Temos aqui ao lado a nossa querida e amada *Bruxa*, n. 19.

Lavalle, na primeira pagina, Lavalle o grande tenor, maestro e professor de canto. Nas paginas centraes Emanuel, o eminente tragico; na ultima uma advinhação em que o lapis de Julião Machado dá o conceito da charada n'uma especie de *cherchez la femme*...

O texto — aquelle brilhantismo de sempre.

Um voto de pezar

Vossas Excellencias conhecem o Sr. Lauro Muller?

Talvez não conheçam... ha tanta gente ignorante n'esta vida!

Pois fiquem sabendo Vossas Excellencias que esse senhor Lauro Muller é major, é bacharel, é o chefe politico de Santa Catharina, quem alli faz e desfaz situações, e por cima de tudo isto o Sr. Lauro Muller é... deputado ao Congresso Nacional e membro da comissão de orçamento da camara a que pertence.

Estão naturalmente admirados de não saberem que o homemzinho era tudo isso, sem dar-se ao trabalho de participar a ninguém!

Pois é isso tudo, e mais alguma cousa: o Sr. Lauro Muller é um grande, um privilegiado talento — ao que consta.

Evidentemente Vossas Excellencias têm razão de não haver até agora travado conhecimento intimo, ou mesmo ligeiro, com a personalidade avantajada do illustre deputado e major...

O Sr. Lauro Muller, extremamente magro e amarello côr de cêra, sem embargo de ser comprido e esguio como um caniço de pescaria, tem horror ás exhibições publicas e vive envolvido n'um pesado manto da mais pavorosa e reprehensivel modestia. Quando S. Ex. raramente sóbe á tribuna da camara dos deputados, movido unicamente pelo desejo de demonstrar ao publico que a sua existencia é real e incontestavel e que elle é effectivamente um ente vivo e não uma sombra esqueletica, que perpassa pelas bancadas do recinto e pelas columnas do livro do pagador do subsidio — tetrico como um phantasma de alem-tumulo, merencorio como um cypreste crestado e amarellecido — S. Ex. toma a palavra que generosamente lhe concede o Sr. Arthur Rios, e muito prudentemente, muito convencidamente... guarda-a consigo mesmo.

S. Ex. falla para dentro de si, n'uma postura grave e esguia, escondendo dentro de sua longa sobrecasaca, n'um elance de irreprimivel modestia, hybridamente conjugada com um orgulho indomavel, todo o producto do seu enorme talento, todas as elegancias da sua rhetorica pomposa e attrahente!

De sorte que, com ser S. Ex. assim simultaneamente orgulhoso e modesto, perde o paiz um gozo extraordinario, quando S. Ex. falla, porque fóra os tachygraphos, que apanham com grande fortuna uma ou outra perola cahida dos labios do emerito orador — tudo o mais, tudo, tudo, as preciosas joias de sua notavel eloquencia assim que lhe cahem dos beiços entram sorrateiramente por dentro da golla do seu collete e vão se esconder por alli abaixo... nem sabemos onde!

D'ahi não serem precisamente conhecidos nem avaliados — tanto Lauro — o — Cypreste, como seu talento sem rival...

Foi por isso que o illustre deputado de Santa Catharina resolveu um dia obumbrar os passados de gloria da Camara e embasbacar os espiritos dos assistentes, patenteando-lhes o que é, de que intelligencia é possuidor, quanto vale e quanto pésa. E foi por isso que S. Ex. elegeu o dia 11 de junho corrente, notavel dia da historia patria, assignalado em lettras de ouro pela victoria do Riachuelo, para ostentar todo o seu pujante talento, todo o bom senso que possui, todos os recursos de sapiencia de que dispõe, e que muito harpagicamente aferrolha dentro de si mesmo, num movimento criminoso de avareza inconcebivel.

Tratava-se de 11 de junho e dá batalha naval do Riachuelo... S. Ex. subiu a tribuna, tomou da palavra e não guardou-a d'essa vez dentro do seu peito: ao contrario soltou-a com a maior prodigalidade, conquistando um successo nunca visto, jamais nunca esperado!

Imaginem que o orador de posse da tribuna, da palavra e da attenção do auditorio, propoz que

«em homenagem ao dia 11 de junho se lancesse na acta um voto de pezar pela morte dos

bravos que succumbiram n'esse combate em 1865.

!!!

Este voto de pezar, sobre mim, pelo menos, foi de um effecto inculcavelmente pesaroso... o digno chefe de Santa Catharina e finisismo membro da comissão de orçamento tomara para si todas as glorias do dia e até a propria manifestação que propunha — pois foi elle o alvo de pezar de toda a camara, de todos os tachygraphos, de todos os jornaes que publicaram a sua idéa singularissima, de todo o mundo pasmo ante tão estupendo parto de rhetorica parlamentar e de bom senso de um major Magriço!

Somente, pergunto eu ao Lauro Muller quando virá S. Ex. a dar á luz outra vez? Quando S. Ex. cumprirá seu dever propondo que se lance em acta um voto de pezar pelas victimas da batalha dos Guararapes — por exemplo?

Pelos que succumbiram em 1817, pelos companheiros de Pedro Alvares Cabral, — pelos nossos adorados pais Adão e Eva, tão cedo roubados á sua familia?

Responda-me o Sr. deputado, major e notavel talento — pois que populações inteiras dependem n'este momento de uma nova manifestação do seu enorme talento, de uma outra irrupção da sua enormissima eloquencia!

LÉO.

Simon Floquet

Aqui ha dias morreu o eminente politico Julio Simon.

O *Jornal do Brasil*, que nos dá um boneco por dia, publicou o seu retrato (d'elle Julio Simon) — retrato que se não é um primor de gravura, é pelo menos um retrato que dá ares com o recém-fallecido.

Por sua parte a *Gazeta de Noticias* tambem publicou um retrato no mesmo dia, cobrindo um artigo sobre Julio Simon — mas o retrato de outro morto e de ha algum tempo: Floquet.

E' caso para perguntar se Simon é Floquet ou se Floquet é Simon.

Para as familias de ambos, o caso é de somenos importancia n'este momento, desde que ambos, já estão na paz do Senhor. Para nós outros porém, cultores da historia contemporanea, e amantes da chronologia, sempre nós convinha saber se esse retrato de Floquet da *Gazeta* serve só para determinados casos... ou se para todos os casos de morte das summidades politicas francezas.

E se é falta de retratos que nol-o digam; cá temos meia duzia — e diversos.

E estão ás suas ordens.

GL.

Gato escondido...

Na *Noticia* do dia 10—11 de Junho, F. fallando acerca dos negocios da Intendencia e em relação a uma proposta de calçamento que para lá foi remettida ha um anno (!) e renovada, haverá uns quatro mezes, depois de experiencia feita á custa do proponente, diz que não é rasoavel exigir-se da Intendencia que se occupe agora da reforma do calçamento, estando em ordem do dia um projecto de saneamento geral da cidade, etc. etc.

Ou a nossa collega a *Noticia* não está bem informada do que ha e tem havido acerca desse calçamento, intitulado *Pavimento Sanitario* que todos desejam e que não exige sacrificio algum da nossa Intendencia, ou então, e esta é que é a verdade, F. quiz attender ao pedido de um amigo velho que tambem é nosso e escreveu ou deixou escrever umas razões que não passam de palliativo ou pretexto para não se fazer cousa alguma.

Esse artigo não devia ter sido assignado F., mas sim G.

MONTE-PIO

Assistimos á reunião dos empregados publicos promovida pelo intendente o Sr. Julio do Carmo, na qual devia-se tratar de negocios do Monte-pio.

Depois de varios discursos mais ou menos calorosos e contradictorios em que se fallou em extorsões, bajulações, engrossamentos, cabrestos e outros termos mais ou menos picarescos, sempre chegou-se ao classico resultado de todas as reuniões: nomear-se uma comissão para tratar do assumpto.

Que o negocio se arranje a contento de todos os interessados é o que desejamos.

X.

Aqui, alli, acolá

Defendendo as irmãs de caridade contra as aggressões do Dr. Teixeira Brandão, que traiçoeiramente as attaca pelas costas, observa o *Jornal do Brasil* que se isso não é cavalheiroso de homem a homem, como admittil-o para com senhoras?

Judiciosissima, essa observação do *Jornal do Brasil*. Effectivamente, se o ataque de homem a homem pelas costas não é cavalheiroso, embora até certo ponto seja explicado em determinadas circumstancias, muito menos, e em nenhum caso o é, de homem a mulher, e demais a mais á traição, que póde fazel-a zangar.

E o caso ainda mais se aggrava quando essa mulher é irmã, — e de caridade.

O Sr. Dr. Teixeira Brandão deve abandonar esses máos costumes; — tem toda a razão o *Jornal do Brasil*.

Leio na *Noticia* a narração de um caso assás singular:

Um individuo morador na travesa das Partilhas, ás 11 horas da noite, em meio de insignificante discussão com a sua esposa, repentinamente enfureceu-se contra ella e ferrou-lhe uma dentada na côxa.

Mas que diabo andava elle a fazer por alli a taes horas?

O *Paiz*, que nas *Cousas do Mar* tem feito cousas do arco da velha, chama ao Sr. Almirante Elisiario col-

lega naval do Sr. Marechal Bernardo Vasques.

Collega naval,—é bonito. E o Sr. Vasques, que ficará sendo do Sr. Elisiario? Collega exercital? Terral?

Valha-me o codigo de signaes do *Paiz*, tão entendido nas cousas do mar!

THIAGUINHO.

THEATROS

Com o inverno vieram desabrochar as novidades theatraes. E, pois, que nos queixavamos de falta de movimento e animação no theatro, cahemos ao mesmo tempo muitas novidades sobre a cabeça, e um homem já nem sabe actualmente como se haver para cumprir com exactidão o seu dever, e sem aliás dispôr do dom de ubiquidade.

Temos em primeiro logar Emanuel. E bem posso dizer: em primeiro e unico logar, porque o grande tragico, só elle, enche a vida artistica do Rio de Janeiro na actualidade.

A scena do theatro Apollo, illuminada pelo genio extraordinario do grande tragico, emulo de Ernesto Rossi e do Salvini, attrahe as attensões do publico d'esta capital, que felizmente tem demonstrado ainda não estar de todo arruinado pelo abuso do *maxixe* indigena — cousa essa que nos assombrava e nos envergonha.

O *Rei Lear*, o *Kean*, os *Rantzau*, o *Othelo*, têm feito as delicias da nossa platea, que honrando o grande artista a si mesmo honra, applaudindo sem reservas o primeiro de entre os primeiros da scena dramatica.

Vel-o é um dever; outro dever é applaudil-o. Mas sobre esses deveres um outro se mostra e se impõe: é amal-o, é veneral-o, por dar-nos a suprema honra de vir representar para este publico que tem *Tim Tim* por uma obra d'arte e que encontrou no actor Leonardo e no seu illustre collega Brandão, a suprema manifestação do talento theatral, e não se cansa nem fadiga de o patentear por todos os meios e modos!

Assim pois, é justo agradecer a Emanuel representar para nós outros, e cumprimentar o publico, que facilmente resignou-se a passar sem *Pão*, *pão*, *queijo*, *queijo*.

Depois de Emanuel, temos a companhia Tomba.

A *troupe* lyrica que explora todos os generos desde a grande opera até o *vaudeville*, foi aboletar-se no theatro S. Pedro de Alcantara.

Este theatro é uma cousa assim muito parecida com um edificio destinado a catacumbas! Muito escuro, muito pesado, cheirando a môfo, triste e lugubre, a tudo póde se prestar e para tudo ser aproveitado, menos para isso—para ser alli exhibida uma operetta...

Mal comparando, a escolha é tão sensata qual seria a eleição do cemiterio do Cajú para alli ter logar um baile dos Fenianos, em noite de Carnaval!

A companhia não é má; nem tambem é muito boa.

Divertem; e se não fossem uns palmos de cara bonita (como disseram os criticos abalisados) que alli se apresentam, quero crêr que apesar de tudo a empreza não faria para os gastos e daria com os burros n'agua.

Dos *Granadeiros* affirmaram os taes collegas abalisados que foi uma estrêa assim assim; a *Mascotte* foi cantada tão tristemente que mais parecia um drama lyrico todo cheio de circumstancias...

Do *Rigoletto* e da *Somnambula* disseram cavalheiros fidedignos e pessoas entendidas que foram executados com grande primor—debaixo do ponto de vista de operas comicas!

Cá por mim, declaro-o com toda a abundancia d'alma: não tenho opinião.

Em entrando n'aquelle tumulto denominado S. Pedro de Alcantara, tão pavorosamente sombrio, tão lugubremente decorado, sinto logo apertar-se-me o coração, enristecer-me a alma, arrepiarem-se-me os cabellos e porque não dizer a verdade? — as lagrimas acodem-me logo e antes de tempo, e um horror do desconhecido e do além tumulto convida-me a sahir, a correr, a ir longe, muito longe, buscar refugio, pedir um abrigo, sollicitar um amparo...

Ora isso, com musica de Audran, hão de confessar que é profundamente paradoxal—em que pese ao Sr. Tomba!

TONY.

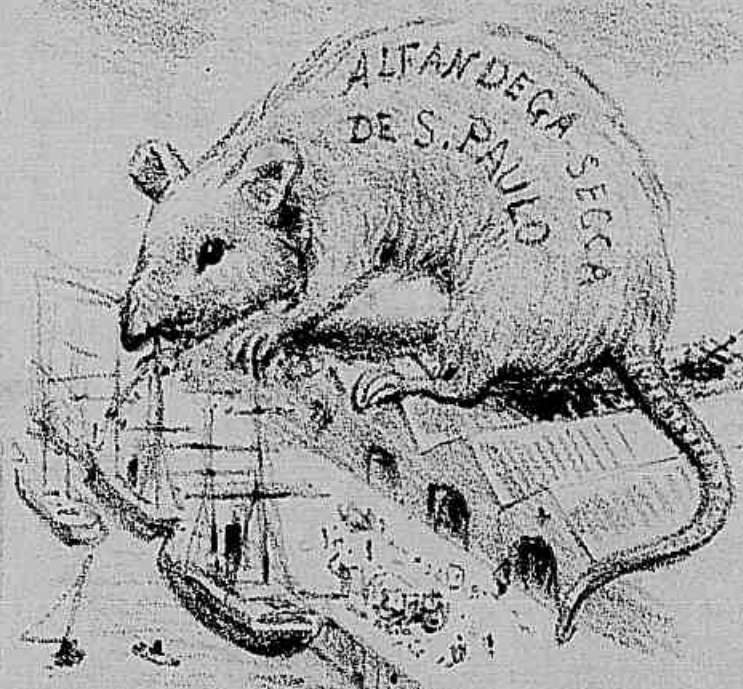
Ainda mais rataxanas!



Na Camara, o deputado José Carlos prestou relevante serviço, mostrando que as alfandegas de diversos Estados não tinham a inveja a da União



O Sr. Brício Filho, a seu turno, apresenta uma rataxana colossal e bahiana que causou assombro

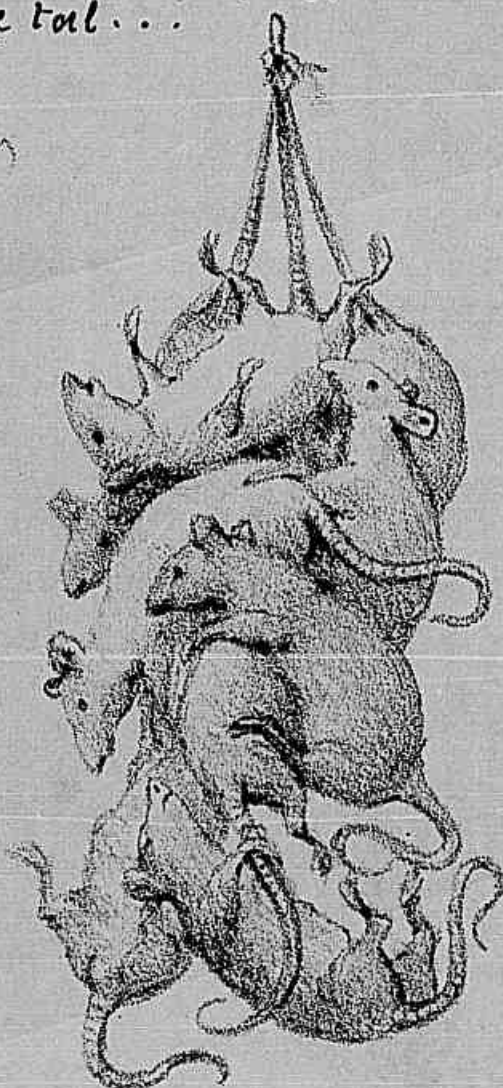


Maior do que essa ainda, é a que se pretende criar em S. Paulo com o fim de dar cabo das bellas docas em Santos que não deixam roer à vontade, etc e tal...



Essas rataxanas encontraram um defensor n'um tal Thimoteo da costa cubana, enviado extraordinario do Maceo para o Brasil, afim de obter a protecção do nosso governo e o reconhecimento dos insurgentes cubanos como belligerantes.

Que volte para a Havana e carregue com todas as rataxanas, é o que desejamos.



Além das rataxanas civis e commerciaes, administrativas e politicas, ha a judiciaria, a peor de todas, que encara-se de dar escapula ás outras.

Rataxanas em peiza! Rataxanas por toda parte!

— Até em minha casa! (Terá dito o Exmo. presidente da Republica.)